

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

TOMÁS MEDEIROS NOVAZZI

**A ÉTICA E A MORAL NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: UMA ANÁLISE
DO PERSONAGEM HOMEM ANIMAL POR GRANT MORRISON**

São Paulo

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

TOMÁS MEDEIROS NOVAZZI

**A ÉTICA E A MORAL NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: UMA ANÁLISE
DO PERSONAGEM HOMEM ANIMAL POR GRANT MORRISON**

*Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no
curso de Psicologia, sob orientação da
professora Maria Thereza de Alencar
Lima*

São Paulo

2016

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Maria Thereza, por me ajudar a construir o trabalho e achar o tema que estava buscando.

Agradeço a minha mãe, Elza Maria Medeiros Carneiro da Silva, por me inspirar a fazer esse trabalho, e pelo apoio nas horas mais difíceis.

A meu amigo, Victor Vasconcelos, pelas reflexões quanto aos nossos temas de trabalho, que se encontram tão frequentemente.

Agradeço a todos os meus amigos e familiares, que me ajudaram a refletir e ver a vida de uma maneira mais otimista.

Área do conhecimento: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Título: A ética e a moral no processo de individuação: uma análise do personagem Homem Animal por Grant Morrison, 2016

Nome do orientando: Tomás Medeiros Novazzi

Nome da orientadora: Maria Thereza de Alencar Lima

RESUMO

Este estudo propôs-se a refletir sobre a importância do julgamento ético e da moralidade a partir da estória em quadrinhos "Homem Animal" (Grant, M., 1988/90). Utilizando os conceitos da Psicologia Analítica de sombra, persona, ética e moral, foram identificados momentos de conflitos morais na jornada do personagem, a saber: O Heroísmo, Questionamentos, Seguindo o próprio caminho, O animal e Escolhendo Viver. Foi possível identificar na estória reflexões éticas que trouxeram transformações para o personagem que puderam ser correlacionadas com a compreensão da moralidade e da ética para a individuação do ser humano, trazendo um aprofundamento sobre o bem e o mal.

Palavras-chave: Super-heróis, ética, moral, Homem Animal, individuação, psicologia analítica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
ÉTICA E MORAL.....	10
MÉTODO.....	20
RESULTADOS E ANÁLISE.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	38
ANEXO I – RESUMO DA HISTÓRIA.....	43

INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca identificar e analisar a importância da moral e da ética no processo de individuação na obra de histórias em quadrinhos “Homem Animal”, nas edições sob a autoria de Grant Morrison (1998 a 1990) pela editora DC Comics, focando no personagem principal, sob a ótica dos trabalhos de Carl G. Jung e da psicologia analítica.

As histórias em quadrinhos são um meio de comunicação originado nos anos 30, nos Estados Unidos. Alguns deles retratam os chamados super-heróis, personagens com características fantásticas, idealizados como salvadores e antagonistas das forças do mal, como é possível ver, por exemplo, na clássica história “Captain America Comics” 01, de 1941, onde esse herói trava uma batalha com Adolf Hitler.

Tais personagens continuam, até hoje, fazendo parte da cultura, como é possível se ver na grande quantidade e sucesso de filmes retratando os super-heróis atualmente, como por exemplo, o filme “Os Vingadores” (Joss Whedon), de 2012, que teve a quinta maior bilheteria da história do cinema.

Na atualidade, vemos ano após ano serem lançados novos filmes relacionados ao tema com crescente sucesso.

As histórias em quadrinho fazem sucesso tanto com as crianças quanto com adultos, fato esse que faz com que autores busquem estudar esse tema mais a fundo.

Os personagens das histórias em quadrinhos traduzem temas universais que ressoam aos leitores, relacionados ao momento histórico em que estão inseridos. Como é explicitado por Dutra:

“As Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Elas não surgem isoladas e isentas de influências. Na verdade, as ideologias e o momento político moldam, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado dos gibis. (...)” (Dutra, 2001).

A comunicação de histórias através de desenhos é algo da qual se encontram vestígios desde a pré-história. As pinturas rupestres, feitas há 20.000 anos, são consideradas por vários autores como precursoras das histórias em quadrinhos. (Bibe-Luyten, 1993; Marny, 1988; Ferro, 1987).

Os quadrinhos, de acordo com Mariana Procópio, são descritos como de temática variada, de acordo com o autor:

“Ao figurar como lazer, comércio, arte, literatura e mídia, a história em quadrinhos é um produto que consegue despertar o interesse de leitores seletivos, eventuais, fanáticos, enfim, de perfis variados. A temática de uma HQ também é bastante diversificada. A seus autores é permitido expressarem questões científicas, filosóficas e artísticas por meio de uma narrativa sequencial, que articula estratos linguístico e icônico.” (Procópio, 2009).

A temática das histórias em quadrinhos são representações produzidas historicamente, pela sociedade na qual ele foi criado, sendo uma expressão de várias dimensões da sociedade do autor, individual, cultural e arquetípica.

A temática diversificada e a construção do sentido pelo verbal e não verbal seria o diferencial dos quadrinhos comparados aos outros meios de comunicação. Desta forma, pode-se observar que as histórias em quadrinhos veiculam produções de época de alta relevância e temas atuais, o que explicita sua contextualidade histórica e capacidade de descrição da sociedade em dado tempo.

Os super-heróis em especial chamam bastante atenção e são presentes em uma grande quantidade de filmes na atualidade. O motivo de seu sucesso é descrito por Tardeli (2011), como estimuladores da criatividade e imaginação de seus leitores, além de permitir o estabelecimento de projeções com os papéis sociais dos personagens e um enriquecimento de valores culturais:

“Ajudando a desenvolver a capacidade intelectual e a trabalhar as emoções, já que abordam ansiedades, aspirações e oferecem soluções simbólicas para problemas que inquietam a maioria de crianças e jovens – e mesmo adultos -, os super-heróis compõem uma parcela importante da literatura popular.” (Tardeli, p. 122).

Através dos super-heróis, assim como os heróis das mitologias, um indivíduo pode desencadear suas próprias representações e novas percepções pela leitura das histórias em quadrinhos ou em qualquer mídia com eles presentes:

“A riqueza simbólica das histórias de super-heróis permite a cada pessoa desencadear suas próprias representações, de acordo com suas necessidades que podem variar para o mesmo indivíduo em distintos momentos de sua vida.” (Tardeli, p. 122)

Segundo Vergueiro (2005), as histórias em quadrinhos tornaram-se um meio de comunicação de massa de grande penetração, caracterizando junto com o cinema a comunicação de massa no século 20.

O foco desse trabalho é a trajetória de Homem Animal, um personagem criado pela editora DC Comics - grande empresa veiculadora de quadrinhos, detentora dos direitos de heróis famosos como Batman e Superman. Homem Animal foi um personagem de pouca relevância na cultura dos quadrinhos nos anos 1960 e 70, até que obteve um inesperado sucesso quando Grant Morrison resgatou o personagem e o assumiu como autor durante quase dois anos, retratando-o com uma interpretação inovadora.

A história segue uma narrativa, inicialmente, de um super-herói, com o personagem principal questionando sua própria vida. Buddy Baker, alter ego do protagonista, se vê diversas vezes em dúvida a respeito de seu papel no mundo, quanto super-herói ou em outros papéis sociais. Em certo momento o personagem reflete: “É engraçado, alguns dizem que os super-heróis são o próximo estágio da evolução humana, porém toda vez que se encontram, parece que tudo que fazem é lutar um com outro. Se isso é o futuro, não parece muito brilhante para mim.” (Homem Animal, 13, p. 5).

Grant Morrison, o autor de 26 edições da obra “Homem Animal”, é um escritor de histórias em quadrinhos escocês, conhecido pelo seu experimentalismo e pela utilização de referências culturais em suas criações. Inicialmente, com sua publicação de “Zenith” na revista inglesa “2000 AD”, começava a desconstruir o gênero dos super-heróis. Tal trabalho chamou a atenção de DC Comics, que,

após ter recusado diversas obras suas, aceitou sua participação como autor na obra “Homem Animal”.

Tornando-se, talvez, a maior obra de sua carreira na época, “Homem Animal” lhe trouxe muito sucesso, principalmente nos Estados Unidos – a capital de veiculação de quadrinhos estilo HQ no mundo. A partir da nova interpretação, a série “Homem Animal” passou a ser considerada relevante no meio dos quadrinhos, visto seu desenvolvimento e análise de críticos, os quais a levaram a um grande número de prêmios na categoria. Ela foi uma obra premiada pelo “Squiddy Awards” como a mais aprimorada em 1992, pelas edições 5 e 19, incluindo também melhor escritor e melhor série.

A publicação de “Homem Animal”, após a readaptação de Grant Morrison, continuou após o relançamento editorial da DC Comics em 2011, chamado de “Os Novos 52” e persiste até os dias de hoje, porém com um contexto diferente com cada novo autor.

É plausível considerar que o ato de escrever essas edições de “Homem Animal” foi de certa forma um processo de individuação de Grant Morrison, o levando a refletir sobre o que julgava justo ou injusto através de seu personagem, onde ele mesmo diz, no final da história, projetar tanto de si mesmo nele, como o fato de ser vegetariano e lutar pelos direitos dos animais.

Além de ser uma história ganhadora de prêmios e de importância para a história dos quadrinhos, traz o “arquetipo do herói” em sua narrativa. Para entendermos esse conceito:

“O herói é o precursor arquetípico da humanidade em geral”. O seu destino é o modelo que deve ser seguido e que, na humanidade, sempre o foi com atrasos e intervalos, mas o suficiente para que os estágios do mito heroico façam parte dos constituintes do desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo (Neumann, 1990, p. 107).

Se tratando das características do herói, Campbell explicita:

“O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas

normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos.” (Campbell, 2002, p. 29)

Os super-heróis, assim como o herói mitológico para Campbell, também contêm elementos arquetípicos em suas jornadas e aventuras, sejam encontrados nas histórias em quadrinhos ou nos filmes, tão presentes na atualidade:

“Como criações das indústrias culturais, os super-heróis contêm elementos arquetípicos, como a força e o reconhecimento à justiça que defendem e restauram com afinco.” (Tardeli, 2011, p.122)

Também é possível percebermos na obra aquilo que Jung descreve como o conceito de individuação, o amadurecimento e desenvolvimento da personalidade, que é representado pela jornada mítica do herói, algo que é encontrado em histórias em quadrinhos de super-heróis. Segundo Xavier (2005):

“O herói representa a consciência, e suas aventuras e desafios representam as experiências necessárias para que ele descubra quem é; qual a sua vocação, quais seus talentos e suas limitações.” (Xavier, 2005).

O tema central na jornada do personagem Homem Animal é sua constante reflexão e seus julgamentos éticos, justamente uma busca de se saber quem ele é.

Jung demonstra a importância da discussão sobre a ética:

“A formulação de normas éticas não é apenas difícil, mas na verdade impossível, porque dificilmente se pode pensar em uma única regra que não devesse ser também invertida sob certas condições. Inclusive a simples proposição "conscientizar é bom" só tem validade limitada, pois não raras vezes nós nos defrontamos com situações em que a conscientização teria as piores consequências possíveis.” (Jung, [1949] (1980), par. 1413).

Como é possível constatar da sua afirmação, a ética é uma problemática em qualquer historicidade humana, por não poder ser compreendida simplesmente por um conjunto de regras ou por algum indivíduo, exigindo um julgamento.

Como, por exemplo, existe a regra de não roubar, mas uma pessoa pode julgar ser uma atitude ética roubar um remédio quando não tem dinheiro para salvar um ente querido.

A obra “Homem Animal”, pelo seu sucesso, e tratando da ética, um tema importante na obra de Jung, é relevante para uma pesquisa. Trata de assuntos contemporâneos e arquetípicos, permitindo que seja traçado um exemplo de paralelo entre as teorias de Jung com o mundo dos quadrinhos, trazendo uma reflexão sobre a ética e a moralidade.

Nesse trabalho, pretende-se compreender a maneira como o personagem Homem Animal busca uma perspectiva ética, e relacionar suas transformações com seus julgamentos éticos e sua compreensão da moralidade.

Será proposto desenvolver uma análise simbólica da sua narrativa com base nos conceitos da psicologia analítica, com o objetivo específico de analisar a importância da moral e da ética no processo de individuação, a partir da obra “Homem Animal”, de Grant Morrison.

ÉTICA E MORAL

É frequente o uso dos termos ética e moral como sinônimos, porém as duas palavras possuem diferentes significados.

Moral, do latim “*Mores*”, que significa “relativo aos costumes”, é o conjunto de regras, convenções e tabus aplicados no cotidiano e usados por cada cidadão. Essas regras orientam cada indivíduo orientando sobre o que é certo e errado.

Já a ética, que vem do grego “*Ethos*”, significa “modo de ser”. Ela é a reflexão sobre a moral, ou seja, é o conjunto de conhecimentos extraídos da investigação do comportamento humano para explicar as regras morais.

Nessa acepção, ética e moral coincidem com frequência, mas não em todos os contextos. Portanto, é importante a divisão do conceito de ética e a de moral para um entendimento claro sobre o que é cada um.

A moral, para Jung, não é uma formulação de regras absolutas que devem ser seguidas a todo tempo, para agir de forma “certa”, mas é parte da nossa natureza como humanos:

“... a moralidade não foi baixada sobre tábuas de pedra do Sinai e imposta ao povo, mas é uma função da alma humana, tão antiga quanto a própria humanidade. A moralidade não é imposta de fora. Nós a temos dentro de nós desde o início – não a lei, mas nossa natureza moral, sem a qual a vida coletiva da sociedade humana seria impossível. (Jung, 1977, par. 498).

A nossa natureza moral é o que torna nossa vida em sociedade possível, mas não estamos presos a essas regras, até porque essas variam de povo e pela historicidade.

Apesar disso, temos uma conexão com a moral, não podemos agir de forma contrária a moral, de maneira “pecaminosa” sem uma consequência em nossa psique.

A respeito da imoralidade, Jung afirma:

“O homem imoral, que vive uma vida de irrefreado instinto, deveria ser imune à neurose. Esse não é obviamente o caso, como a experiência mostra. Tal homem pode ser tão neurótico quanto qualquer outro. Se o analisarmos, simplesmente constataremos que sua moralidade está reprimida. (Jung, 1977, par. 29).”

Um indivíduo imoral não está imune à neurose, mesmo quando aparentemente não se importa em demonstrar suas atitudes desonrosas.

Jung acredita "firmemente no poder e dignidade do intelecto, mas somente se ele não violar os valores do sentimento" (Jung, [1946] (1954), par. 183).

Ou seja, apenas pela racionalização não nos livramos das consequências que um conflito moral tem em nossa psique, ainda temos um vínculo sentimental com as ações que realizamos.

David Hume, filósofo escocês, afirma algo semelhante. Nos livros *“Resumo de um tratado sobre a natureza humana”* (1995) e *“Investigação sobre os princípios da moral”* (2001), Hume argumenta que as distinções morais não são derivadas unicamente da razão, também têm uma porção de sentimento.

Hume mostra que a razão é inerte, não pode prevenir ou produzir nenhuma ação ou afeição, diferentemente do que acontece na moral, que é prática. A moral gera paixões, produzindo e prevenindo ações.

Jung atribui valor importante para a moralidade, em relação direta com a neurose. Afirma que um indivíduo que não segue a lealdade que tem a si mesmo estará em condição neurótica.

“Aquele que não possui essa função moral, essa lealdade a si mesmo, jamais se livrará de sua neurose. Mas aquele que tem essa capacidade certamente encontrará o caminho para curar-se a si próprio (Jung, 1977, par. 498).”

Considerando a grande importância da moral para o psiquismo de qualquer ser humano, Jung relaciona que a função moral tem relação direta com a aproximação de um indivíduo com o si-mesmo.

Si-mesmo, é um conceito formulado por Jung como sendo uma imagem arquetípica do potencial mais pleno do homem, ou seja, de um potencial da totalidade. Ele ocupa a posição central da psique como um todo, e, portanto do destino do indivíduo.

O si-mesmo é uma força que leva o ser humano em direção ao significado. Existe o confronto, porém, do ego com o si-mesmo, de forma que este último deve ser reconhecido, integrado e realizado.

Jung explicita, sobre o poder criativo da ética ao se realizar um julgamento, tendo uma ligação direta com o processo de encontro com o si-mesmo:

“... Somente o poder criativo do ethos que expressa o homem inteiro pode proferir o julgamento final. Como todas as faculdades criativas no homem, esse ethos flui empiricamente de duas fontes: da consciência racional e do inconsciente irracional. Esse é um exemplo especial do que chamei de função transcendente, que é a “cooperação” discursiva de fatores conscientes e inconscientes.” (Jung, 1978b, par. 855).

Para Jung, o julgamento ético ao se deparar com um conflito é expresso tanto pelo consciente quanto o inconsciente, o que ele chama de função transcendente havendo uma cooperação de ambas as fontes da psique.

Sobre essa função transcendente Jung comenta em A Natureza da Psique:

“Por “função transcendente” não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível ou metafísico, mas uma função que, por sua natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e “transcendente” resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes.” (Jung, 2011a, par. 131).

Essa função transcendente, a união dos conteúdos conscientes e inconscientes, está profundamente ligada ao processo de individuação.

A individuação é um processo onde um indivíduo percebe, através da relação do consciente com o inconsciente, suas particularidades e as distinções do seu grupo, inclusive desenvolvendo sua personalidade individual. Não representa

um isolamento, mas um entendimento maior de sua existência inclusive no que diz respeito a um relacionamento mais intenso e abrangente com seus próximos:

“A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. (...) Uma vez que o indivíduo não é um ser único mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao *isolamento*, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente. (Jung, 2009, par. 853.)”.

O ego e o si-mesmo podem entrar em conflito pelo processo de individuação ser frequentemente doloroso, necessitando de uma aceitação do Ego de um querer e de estar motivado. Gorresio diz:

“... o ego é a chave fundamental para o processo de individuação, já que é necessária uma colaboração ativa de um ego consciente e capaz de tomar decisões responsáveis” (Gorresio, 1997).

Von Franz também traz a importância do Ego para garantir a totalidade da psique:

“Tudo acontece como se o ego não tivesse sido produzido pela natureza para seguir ilimitadamente os seus próprios impulsos arbitrários, e sim para ajudar a realizar verdadeiramente a totalidade da psique. É o ego que ilumina o sistema inteiro permitindo que ganhe consciência e, portanto, que se torne realizado”. (Von Franz 1964, p. 162)

É a partir da função transcendente, isto é, a resultante da união dos conteúdos conscientes e inconscientes, que torna possível o processo psicológico de individuação. O sentido e a meta desse processo são o desenvolvimento da totalidade do indivíduo, cada vez trazendo uma consciência mais ampliada dos aspectos do si-mesmo.

“A função transcendente não se desenvolve sem meta, mas conduz à revelação do essencial no homem. No início não passa de um processo natural. Há casos em que ela se desenvolve sem que

tomemos consciência, sem a nossa contribuição, e pode até impor-se à força, contrariando a resistência do indivíduo. (...) Chamei a esse processo de *processo de individuação*.” (Jung, 2008, par. 186).

O conceito da persona, que é como um indivíduo se mostra perante aos outros, e da sombra, que é tudo aquilo que é reprimido para se formar um ego pretensamente ideal, estão relacionados também com a moral e a ética e conseqüentemente com o processo de individuação.

Para Jung, persona é aquilo que mostramos para os outros, para a sociedade. É o papel que a pessoa usa ao interagir com as pessoas com que convive, podemos agir de forma diferente nos grupos profissionais e com amigos, por exemplo. “A persona designa isto: como alguém parece a si mesmo e ao mundo, mas não significa o que alguém é.” (Jung, 2009, p. 212).

Uma pessoa pode aparentar ser de qualquer jeito, mas isso não quer dizer que ela será assim em qualquer momento. É como quando dizemos que alguém é mascarado ou duas caras.

A persona é criada pelo indivíduo para se adaptar nas relações com os indivíduos a sua volta.

“A persona é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade. O complexo funcional da persona diz respeito exclusivamente à relação com os objetos.” (Jung, 2009, p. 389).

Quanto mais dissociada do si-mesmo, mais a persona será usada como máscara por um indivíduo, substituindo ele mesmo, assim como um ator que não sai de um papel.

“A identidade com a persona determina automaticamente uma identidade inconsciente com a alma pois, quando o sujeito, o eu, é indistinto da persona, não tem relação consciente com os processos do inconsciente.” (Jung, 2009, p. 392)

Para Jung, sombra é tudo aquilo que foi reprimido para formarmos um ego considerado ideal. Ela é inconsciente, e pode ser projetada nos outros. É importante nos remetermos ao símbolo da sombra ao tratarmos de ética e

moral, pois nela estão todas as atividades e desejos imorais em vista do ego de um indivíduo, mas podem estar, em alguma medida, de acordo com o si-mesmo.

A sombra contém todas as atividades e desejos que são considerados, aqueles que a sociedade, principalmente nós mesmos, não podemos aceitar.

Ela representa parte do nosso inconsciente pessoal, aparecendo em sonhos e fantasias.

O confronto com a sombra, quando se depara com um ego moral, é um problema de ordem moral, pois para o indivíduo trazer a totalidade à personalidade, deve conseguir integrar esses elementos supostamente malignos e tomar consciência deles.

A moral é um aspecto muito importante para a individuação de um ser humano, não podendo ser negligenciada, a partir de um tormento moral, que uma pessoa pode se ver em conflito com a voz interior do si-mesmo.

“Sendo que para Jung o autoconhecimento é “um estudo difícil e moralmente exigente” (Jung, [1951] (1968), par. 251) (...) Se definirmos a individuação como a realização do Si mesmo, em suas múltiplas instâncias - o que implica entendermos o Si mesmo no sentido lato, como a totalidade da psique -, então é perante tal realização que se impõe o "dever moral" a que Jung se refere, e é por isso que ela é uma realização moral.” (Barreto, 2009).

A moral está ligada à escuta do si-mesmo, ela tem um papel muito importante para o processo de individuação, podendo a partir dessa escuta reconhecer uma manifestação do si-mesmo em um indivíduo.

Para um maior entendimento do conceito da moral, Lawrence Kohlberg, psicólogo norte-americano, estudou a moralidade por anos através de entrevistas com indivíduos de várias idades.

De acordo com Carvalho (2003), Kohlberg esquematizou uma teoria sobre o desenvolvimento da moral, baseando-se num raciocínio moral e seguido de uma série de estágios.

A compreensão moral para Kohlberg é a internalização de valores e a mudança do comportamento a partir de princípios internos.

Kohlberg entende que agindo de forma moral, e pelo raciocínio lógico, um indivíduo adquire um maior entendimento do mundo e pode desenvolver sua moralidade, internalizando valores.

Nos primeiros estágios de desenvolvimento moral, o indivíduo apenas segue as regras para evitar as punições, ou por benefícios próprios.

Nos próximos estágios, acredita-se que seguir as leis e as normas sociais são o que sustentam a sociedade e devem ser sempre seguidas.

Nos últimos estágios, o indivíduo entende que os valores e leis são relativos, dependendo da situação. Existe a consciência de que as leis são importantes, mas valores como a liberdade são mais importantes que a lei.

O último estágio de desenvolvimento moral é quando uma pessoa, com o entendimento da importância das leis e normas sociais, segue sua consciência no lugar das leis, mesmo que essa decisão envolva riscos pessoais.

Para Jung e Kohlberg, o processo de seguir um dever moral envolve um processo de autoconhecimento, uma profunda reflexão sobre os códigos morais estabelecidos, e dependendo de uma postura ativa do indivíduo em seguir sua própria consciência.

Segundo Aristóteles (1991), um os primeiros que se propuseram a estudar sobre a ética, todo o conhecimento e trabalho visam algum bem, sendo o mais alto de todos os bens a felicidade. Dessa forma, o ser humano deve procurar o bem e indagar o que ele é.

Virtude, para Aristóteles, é a inclinação da prática do bem. Existem duas espécies de virtude: as intelectuais e as morais.

As virtudes intelectuais são o resultado do ensino, e por isso precisam de experiência e tempo, enquanto as virtudes morais são adquiridas em resultado do hábito e da prática, elas não surgem em nós por natureza, mas são adquiridas pelo exercício, tornamo-nos justos praticando atos justos.

Para que um ato seja virtuoso, o homem deve ter consciência de seu ato, e a vontade de agir deve ser motivada pela própria ação.

As virtudes são disposições e hábitos adquiridos ao decorrer da vida e se fundamentam na ideia de que o homem deve sempre realizar o melhor de si.

Portanto, a prática da virtude não é um mero saber técnico, exige-se a consciência da virtude do ato.

A virtude está em nosso poder de escolha, depende de nós sermos virtuosos ou não. Para Aristóteles, somos senhores de nossos atos se conhecemos as circunstâncias, e está em nosso poder agir ou não de maneira virtuosa.

Aristóteles classifica a virtude moral da justiça como a disposição de caráter que torna as pessoas propensas a fazer o que é justo e a desejar o que é justo.

Quem possui a justiça é capaz de exercer suas virtudes levando em consideração o outro, trazendo o bem para ambos.

Para Aristóteles, os sentimentos e paixões tendem ao excesso ou à deficiência. A virtude é a moderação, o meio termo.

A ética aristotélica não pode ser uma regra ou uma verdade absoluta vinda de algum lugar, de modo imperativo. Para se atuar de maneira ética, não basta seguir uma verdade que já está estabelecida, é necessária a reflexão e o questionamento.

Tanto para Aristóteles quanto para Jung, a ética não será rígida em todas as situações, como seres humanos temos de avaliar uma atitude como ética.

“O primitivo não está menos pronto que nós a avaliar uma atitude ética. Seu bem é tão bom como o nosso, e seu mal é tão mau como o nosso. Somente diferem as formas sob as quais aparecem. O processo de julgamento ético é o mesmo.” (Jung, 1978b, par.108).

A ética para Jung é inerente à humanidade, o processo de julgamento existe em qualquer sociedade, sendo diferente para diferentes pessoas. Dependendo da região ou da cultura em que um indivíduo vive, uma atitude ética pode ser

uma coisa ou outra, porém o processo de julgamento ético é o mesmo para todas as pessoas.

Marco Barreto traz, considerando os conceitos tratados anteriormente:

“... as situações que revelam a extrema dificuldade e o tormento moral próprio da individuação são aquelas em que a "voz interior" do Si mesmo entra em colisão com o código moral coletivo, a "lei moral geralmente aceita", constituindo um autêntico *conflito ético*.” (Barreto, 2009).

O tormento moral aparece justamente no conflito da escolha entre o código moral coletivo, a maneira com os outros agem, e uma escuta de uma voz interior que diz para fazer algo diferente. Somente a partir dessa reflexão entre a colisão dessas duas formas de agir que é dado um conflito ético.

A respeito da definição de ética, Jung esclarece:

“(...) consciência significa primariamente a reação a um desvio, real ou suposto, em relação ao código moral, e é, em sua maior parte, idêntica ao medo primitivo de tudo o que é não usual, não costumeiro, portanto “imoral”. Como esse comportamento é instintivo e, na melhor das hipóteses, apenas em parte o resultado de reflexão, talvez seja “moral”, mas não pode alimentar nenhuma pretensão de ser ético. Merece tal qualificação somente quando é reflexivo, quando está sujeito a escrutínio consciente. E isto somente acontece quando surge uma dúvida fundamental entre dois modos possíveis de comportamento moral, isto é, num conflito de deveres (Jung, 1978b, par. 855)”.

Uma atitude realizada simplesmente por ser o que é estabelecida pelo código moral, sem haver uma reflexão, não pode ser considerada ética, pois justamente não houve um conflito de deveres sobre como se deveria agir.

O código moral e a ética podem divergir em alguns casos. Simplesmente agir, sem uma profunda reflexão, guiando-se pelo que se está estabelecido, não pode ser considerada uma atitude ética.

Para Jung, ética é uma proposta de julgamento, inerente ao ser humano e correlacionada, mas não dependente, da moral. O julgamento ético é

dependente de uma reflexão, quando existe um conflito de deveres de um indivíduo, com uma dúvida entre mais de um modo possível de comportamento.

A ética tem o fator de não ser desenvolvida apenas por raciocínio lógico, e também não por apenas seguir as regras que estão sendo impostas. Ela é desenvolvida através de uma ação reflexiva, entrando em contato com conflitos em sua vida, nascendo cada vez mais posições éticas e deixando para trás uma unilateralidade moral.

Enquanto a moral é estabelecida socialmente, a ética é formada ao decorrer da vida, com o sujeito sempre se questionando e reformulando seus conceitos de certo e errado.

Numa ação reflexiva pela consciência, ao se encontrar em um conflito de deveres, pode nascer uma nova posição ética, que se afasta da unilateralidade moral exterior.

MÉTODO

Considerando o objetivo de identificar e analisar a importância da moralidade e do julgamento ético no processo de individuação no personagem principal “Homem Animal” de autoria de Grant Morrison, este estudo qualitativo de orientação analítica buscou posicionar-se frente à estória de maneira reflexiva, atentando a relação de transformação mútua entre o fenômeno pesquisado e o pesquisador (Penna, 2007).

Após aprofundar-me na busca de referências sobre os conceitos analíticos de sombra, individuação, moral e ética, efetuei o resumo de cada uma das 26 edições escritas por Grant Morrison durante o período em que foi autor dessa história (1998 a 1990), buscando a descrição da história como um todo, personagens, interações e cronologia.

Ao fazer este primeiro resumo, um novo e último resumo foi realizado (Anexo I) baseado apenas na trajetória do protagonista, abandonando histórias paralelas que envolviam o protagonista indiretamente.

A partir deste material selecionei alguns momentos da jornada do personagem que explicitam de maneira clara as mudanças do desenvolvimento moral e as decisões éticas do personagem. Cada um desses momentos caracterizados pelos maiores conflitos éticos para o personagem foi denominado e analisado posteriormente. São estes momentos:

1. O Heroísmo

2. Questionamentos

3. Seguindo o próprio caminho

4. O Animal

5. Escolhendo viver

RESULTADOS E ANÁLISE

O fato de o personagem se denominar como o “Homem Animal” traz um forte simbolismo. Para Jung, a imagem do animal simboliza a natureza primitiva e instintiva do homem, embora em boa parte da trajetória do personagem, ele buscou enfrentar esses instintos através da racionalidade.

Von Franz, em seu trabalho *“A sombra e o mal nos contos de fadas,”* demonstra uma curiosa característica do símbolo do animal nos contos de fadas:

“O animal joga de um jeito ou de outro, a partir de um ponto de vista ético, mas se formos contra ele estaremos perdidos. Isto significa que obedecer ao ser interior mais básico, o ser interior instintivo, é mais importante do que qualquer outra coisa. Nunca encontrei nenhuma afirmação diferente no material de contos de fada que examinei, das mais variadas procedências.” (1985)

Ao mesmo tempo em que o símbolo do animal é associado a um aspecto menos racional do ser humano, também traz uma característica da ética, de um direcionamento de sabedoria vindo justamente do lado mais instintivo do ser humano. Mesmo quando o animal indica uma ação que não parece moral, como roubar ou fugir, a fala dele sempre traz conselhos que ajudam o personagem nos contos de fadas.

Ao decorrer da jornada de Buddy Baker, o personagem está em constante reflexão sobre a moralidade em seus atos.

“Para um homem de sensibilidade moral, o problema ético constitui uma questão apaixonada que se enraíza tanto nos processos instintivos, mais profundos, como em suas aspirações mais idealistas. Tal problema é profundamente real.” (Jung, 2001, par. 289).

O problema ético do personagem se constitui em toda sua existência, de forma consciente e inconsciente, e se instala de maneira emocional para ele. Não é simplesmente por motivos lógicos que lhe aparenta importante de agir de maneira ética, mas seus instintos e suas aspirações são todas baseadas nisso.

Von Franz explicita:

“Pode- se até mesmo dizer que cada indivíduo possui seu próprio nível ético e sua forma de reagir. (...) Naturalmente os indivíduos eticamente sensíveis têm problemas para encontrar seu próprio caminho interior individual, mas também podemos dizer que ser eticamente sensível é um dos grandes incentivos ao processo de individuação.” (1985).

Enquanto Buddy sempre se encontrou em conflito, buscando o que era certo para ele mesmo, a partir de sua sensibilidade ética, ele também foi incentivado através disso ao seu processo de individuação.

Por conta dessa sensibilidade, Buddy desde o começo de sua trajetória se encontra em dúvida se seguir os valores moralmente aceitos seria o correto, como é possível ver desde o início da sua jornada, onde salva um suposto vilão e agride um cientista.

Segundo Jung, viver de acordo com os valores morais aceitos, pode ser na verdade um disfarce, uma persona para fugir de toda crítica de fora ou até de si mesmo, na crença profunda de se ser o que se interpreta. Mesmo seguindo a risca o código moral, existe a moralidade do próprio sujeito:

“Mas bem no fundo, abaixo da superfície da consciência do homem médio, ele ouve uma voz sussurrando: “Existe algo que não está correto.” – não importa o quanto sua retidão é corroborada pela opinião pública ou pelo código moral. Existe aí uma terrível lei que se impõe para além da moralidade do homem e de suas ideias de correção – uma lei que não pode ser escamoteada.” (Jung, 1981, par. 80).

Para o personagem, além do que as leis e a moralidade de sua sociedade lhe apresentam como sendo o correto, algo lhe diz que seguir essas normas não são o “mais correto” a fazer para ele, e é daí que lhe surge o julgamento ético.

É possível notar uma inquietude no personagem ao decorrer de sua história, por essa “voz sussurrante”, como diz Jung, estar lhe dizendo que o que estaria fazendo não estaria correto para ele.

O processo de individuação do personagem ocorreu justamente no campo moral e ético, pelo fato de ele ter sempre que reavaliar suas escolhas para estar em contato com o que ele mesmo achava importante.

1. O Heroísmo

Logo em sua primeira missão de sua jornada, ajudando os cientistas no laboratório, Buddy se questiona de suas ações, considerando não ser um “herói” pelo sentido comum da palavra. Para ele, não é cabível seguir o que a sociedade julga certo sem trair seus próprios valores.

Ao ter de prender um homem que não considerava ser mal, Buddy se questionou. Ao invés de seguir o que era padrão para os outros heróis, decidiu refletir por conta própria e deixar Fera B’Wana ir.

Para Buddy, não é clara a distinção de bem e mal, como é apresentada pelo cientista que o chamou. Após entender a motivação de Fera B’Wana, considerou que o mais ético seria deixa-lo ir, não o prendendo.

O que importa para Buddy é sempre levar em conta sua consciência, ele pensa e reflete sobre suas ações ao invés de fazer o que a maioria das pessoas faria sem pensar.

Obedecer a um conjunto de leis, mesmo criadas com uma preocupação ética, não representa necessariamente seguir condutas que serão permanentemente éticas. A ética se instaura não com um direcionamento do que é o correto, mas com a capacidade de decidir, considerando os diversos fatores que entram numa escolha e suportar suas consequências.

Ao invés de se adequar às regras estabelecidas, Buddy vai contra a adequação, se intranquiliza e tem uma necessidade de decidir o que é justo para ele, sempre revendo sua maneira de agir.

2. Questionamentos

Após suas ações acidentalmente matarem pessoas inocentes, ateando fogo a um laboratório que usava animais como cobaias, Buddy vê seu uniforme de couro, uniforme que não gosta por ser feito a partir de animais mortos. Buddy

começa entrar em contato com a sombra, uma parte sua que não quer ver, mesmo com ações bem intencionadas, ele também pode prejudicar inocentes.

O personagem entra em contato com sua fragilidade, apesar de sempre tentar fazer o certo, pode acabar errando, por ter de fazer escolhas envolvendo um conflito de deveres.

Buddy, ao invés de se contentar de que agiu querendo ajudar os animais, e que a morte dos bombeiros acabou por ser inevitável, admite para seu amigo que teve um erro de julgamento, percebendo as consequências de suas ações.

“... olhar nossos julgamentos como absolutamente válidos seria um contrassenso. Implicaria quereremos ser como Deus. Com frequência, mesmo a pessoa que pratica a ação não distingue sua qualidade moral interna, a soma de todos os motivos conscientes e inconscientes que a ela subjazem, quanto menos aqueles que julgam a ação mas a veem somente a partir de fora, apenas a sua aparência, não sua mais profunda essência (Jung, 1978b, par. 871).”

Admitindo estar errado ao auxiliar a botar fogo no laboratório, julgando suas próprias ações, Buddy sai da equipe de ativistas e deixa de ser o Homem Animal. Nesse processo, ao invés de tentar se encaixar no modelo da equipe de ativista ou de super-heróis, busca agora por um próprio caminho.

Jung, em *“Memórias, Sonhos e Reflexões”*, traz uma reflexão sobre o bom e o mau. A ação ética não consiste em sempre realizar as ações que são consideradas boas, o que é visto como mau não deve ser abolido permanentemente, pelo fato de ser o julgamento do sujeito que define essas duas polaridades:

“Quando reconhecemos a realidade do mal, o bem toma necessariamente um caráter relativo e aparece como uma das metades de dois termos opostos. O mesmo ocorre com o mal. Os dois constituem, juntamente, um todo paradoxal. Praticamente isto significa que tanto o bem como o mal perderam o caráter absoluto e que somos obrigados a tomar consciência de que representam julgamentos.” (Jung, 1986, p.87).

É possível perceber através da jornada de Buddy que o determinante de bem e mau não é o que é determinado pela sociedade ou o proibido, como atear fogo em um laboratório criminoso.

Como o mau não pode ser evitado de um modo absoluto, mesmo na tentativa de se cumprir apenas as ações boas, é possível entender que o que determina uma ação como boa ou má só poderá ser então o julgamento do indivíduo.

Agora, para o personagem, ele busca fazer o que julga certo, acreditando ser mais importante do que seguir a lei.

“Ou o sujeito se apropria dele e o reconhece como merecedor de sua adesão pessoal porque o considera como estando em conformidade consigo mesmo, ou se dá conta de constituir um desejo alheio assumido acriticamente como próprio, por comodidade, por medo de ser excluído do grupo, por desejar a admiração dos outros, ou por quaisquer outros motivos estranhos à questão envolvida.” (Catelli, 2012, p. 59, 60).

O personagem tem reconhecimento de que, para ele, era mais importante seguir o que ele mesmo acreditava estar correto, ao invés de seguir os grupos em que fazia parte, de super-heróis e de ativistas ecológicos.

Ao entrar no debate no programa de TV, tal pensamento foi repreendido pelo homem de negócios com quem discutia. Inclusive, diz que não quer ser visto como um modelo, que no fundo acredita que irá errar por isso ser parte da condição humana. Apesar disso, ele entende a importância da moralidade, discutindo que as pessoas não deveriam poder simplesmente fazer o que querem, como cita em seu exemplo sobre Hitler.

Buddy, através dessas reflexões, está mais desprendido de sua persona.

“A meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais. (...) Não há quem não saiba o que significa "assumir um ar oficial", ou "desempenhar seu papel na sociedade". Através da persona o homem quer parecer isto ou aquilo, ou então se esconde atrás de uma "máscara", ou até mesmo constrói uma persona definida, a modo de muralha protetora. Assim, pois, o

problema da persona não apresenta grandes dificuldades intelectuais.” (Jung, 2011b, par. 269).

Ao invés de se adequar à sociedade, permanecendo um super-herói ou um ativista e seguindo todas as regras que estavam ali estabelecidas, Buddy deixa isso de lado, começando a entrar em contato com o que ele mesmo acreditava, ao invés de seguir uma persona que lhe garantiria uma “muralha protetora” contra qualquer crítica trazida a ele ou por ele mesmo.

É reconhecido por Buddy que a possibilidade de uma ação ética só existe quando ele aceita sua incerteza e insegurança. Para agir de forma ética, ele inevitavelmente vai ter de errar conforme entende suas ações, já que a ética não pode ser escrita precisamente em nenhum lugar, uma ação ética nunca será precisa por não ser uma postura exata, e uma ação com uma boa intenção poderá não ser sucedida de bons resultados.

Ribeiro consta que o sujeito ético é aquele que assume responsabilidade de suas ações, inclusive seus erros, percebendo que para ser ético ocasionalmente vai ter de ir além das leis: “Um sujeito ético é aquele que aceita assumir os riscos de estar errando, mas que tenta ir além do que a lei prescreve.” (Ribeiro, 2003).

3. Seguindo o próprio caminho

Após essa transformação na sua maneira de perceber o mundo, agora com um caminho seu, Buddy sobe a montanha com o homem que acabara de conhecer, adquirindo expansão de sua consciência ao ser banhado por símbolos de seu inconsciente, realizando ser um personagem de histórias em quadrinhos e que tinha uma conexão com todos os seres vivos, ganhando uma amplificação de seus poderes.

De acordo com Edinger, em “*A Criação da Consciência*”, Jung traz, em “*Memórias, Sonhos e Reflexões*”:

“A tarefa do homem é (...) conscientizar-se dos conteúdos que pressionam para cima, vindos do inconsciente. Ele não deve persistir em sua inconsciência, nem tampouco permanecer idêntico aos elementos inconscientes de seu ser, assim se esquivando a seu

destino, que é o de criar cada vez mais consciência. Tanto quanto podemos discernir, a finalidade única da existência humana a de avivar uma chama na escuridão do simples ser. Pode-se até presumir que, assim como o inconsciente nos afeta, o aumento de nossa consciência afeta o inconsciente.” (Edinger, 1984, p. 16).

A consciência de Buddy foi iluminada por conteúdos de seu inconsciente, após uma disposição de sua psique, ele foi apto a enxergar mais sobre a sua existência, entendendo mais sobre sua própria existência.

4. O Animal

Quando vê sua família morta em casa, Buddy primeiramente considera o suicídio. Ao perceber que existe a possibilidade de vingança, ele entra em contato com a sombra, dessa vez ela tomando conta do personagem, como é ilustrado pelo uso da jaqueta de couro, tão abominada por Buddy anteriormente.

Ao ver a família morta, Buddy fica descontrolado, assassinando, roubando e torturando, sem em nenhum momento parando para uma reflexão moral, aspecto importante para o personagem. Em *”Aion, Estudos sobre o simbolismo de si-mesmo”*, Jung diz:

“Uma pesquisa mais acurada dos traços obscuros do caráter, isto é, das inferioridades do indivíduo que constituem a sombra, mostra-nos que esses traços possuem uma natureza emocional, uma certa autonomia e, conseqüentemente, são de tipo obsessivo, ou melhor, possessivo. A emoção, com efeito, não é uma atividade, mas um evento que sucede a um indivíduo. (...) Nesta faixa mais profunda o indivíduo se comporta, relativamente às suas emoções quase ou inteiramente descontroladas, mais ou menos como o primitivo que não só é vítima abúlica de seus afetos, mas principalmente revela uma incapacidade considerável de julgamento moral.” (Jung, 1998, par. 15)

O personagem atua de uma forma que nunca fez antes, mentindo, roubando, matando e até torturando, expressando as atitudes que anteriormente foram

tão imorais para ele. O que estava direcionando o personagem é seu lado animalesco, mais instintivo, por conta de sua emoção da perda de sua família.

Ao se comportar dessa forma, Buddy não estava mais refletindo sobre suas ações, como sempre fez, mas agindo por conta de suas emoções.

Após roubar uma máquina do tempo para salvar sua família, sem sucesso, Buddy entra em conflito, achando que foi tudo em vão e perde sua vontade de viver.

Com seu profundo contato com a sombra, Buddy vai totalmente contra a lei, fazendo coisas abomináveis do ponto de vista moral.

“A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendar energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade.” (Jung, 1998, par. 14).

Através desses atos, Buddy também adquiriu autoconhecimento, entendendo os limites de sua possibilidade de ser caso não pare para refletir. A morte de sua família foi o estopim para entrar em contato profundamente com sua sombra. Através de atitudes tão terríveis para ele, ele pode perceber que tudo que ele fez não trouxe nada que ele queria, nem satisfação.

A atitude de Buddy não pode ser considerada boa ou má, simplesmente. A partir do que ele havia passado, ele decidiu que era a atitude que deveria ser feita naquele momento.

“A ideia de bem e mal, entretanto, é a premissa de qualquer julgamento moral. (...) O mal, como o bem, pertence à categoria de valores humanos, e somos os autores de juízos de valor morais, mas só até certo ponto somos autores dos fatos submetidos a nosso julgamento moral. Esses fatos são chamados de “bem” por uma pessoa, e de “mal” por outra. (...) Se sustentamos (...) que o homem é o autor do mal, estamos dizendo, ao mesmo tempo, que ele é também o autor do bem. Mas o homem é sobretudo o autor apenas de julgamentos (Jung, 1978a, par. 84).”

No primeiro momento Buddy estava atrás de vingança, que não lhe trouxe satisfação. Em seguida, tenta voltar no tempo para salvar a família. Julgamentos de duas pessoas diferentes poderiam achar que a atitude de Buddy foi boa ou má, pois esses valores são dependentes do julgamento de cada pessoa que vê o acontecimento.

A instintividade de Buddy veio à tona ao se deparar com uma cena tão chocante para ele como a morte da família. Apesar de existir para ele o princípio de não matar, ele decidiu que, naquele caso, ele mataria os responsáveis pelo fim de sua família. Ao fazer isso, percebe que esse momento de descontrole não trouxe sua família de volta, nem lhe fez ele se sentir melhor. Buddy, diferentemente do costureiro, não refletiu sobre o que fazia, agiu de acordo com suas emoções.

5. Escolhendo viver

Após seus atos sombrios, e tentar em vão voltar no tempo para salvar sua família, Buddy se encontra num mundo além do seu tempo, perdido no passado. Não tem mais vontade de viver e se sente incapaz de qualquer ação, sentindo um peso enorme em suas costas.

Buddy, nesse estado, entra em contato com entidades que não são do seu tempo:

“Ele fica, de certo modo, entre o consciente e o inconsciente, numa zona crepuscular: por um lado, pertence ao sujeito da consciência, mas por outro lhe é estranho, mantendo uma existência autônoma que o opõe ao consciente. De qualquer forma, não obedece necessariamente à intenção subjetiva, mas é superior a esta, podendo constituir um manancial de inspiração de advertência, ou de informação “sobrenatural”.” (Jung, 2001, par. 295)

Buddy está num território entre o inconsciente e o consciente, onde mal consegue entender o mundo ao seu redor, ou ao menos tenta fazer isso. Está num tempo que não é seu. Nessa zona, encontra auxílio de seres místicos, semelhantes a magos, que graças à imortalidade, possuem uma vida extensa e são capazes de lhe dar conselhos e uma nova maneira de ver a vida.

Após o diálogo com os imortais, especificamente o Homem Imortal, que faz Buddy pensar em decidir voltar a viver, reaparecendo repentinamente em seu universo.

“(...) quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento, atuando conseqüentemente, tanto mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo. Desta forma, vai emergindo uma consciência livre do mundo mesquinho, susceptível e pessoal do eu, aberta para a livre participação de um mundo mais amplo de interesses objetivos.”
(Jung, 2001, par. 275)

Graças às palavras do Homem Imortal, Buddy entende que não age apenas por sua família, ele percebe que ainda pode fazer um papel pelo mundo e o meio ambiente do planeta. Não está se considerando apenas ele mesmo ou os próximos, mas todos na terra.

Barreto mostra em seu trabalho, *“A dimensão ética da psicologia analítica: individuação como realização moral”*, que a individuação não ocorre de maneira solitária, separada do mundo, mas com uma percepção da existência do outro.

“Jung reiteradamente insiste em que a individuação só pode se dar *no mundo* e não leva a um isolamento do sujeito, implicando sempre a interação intersubjetiva, a comunicação humana profunda. Mas ao mesmo tempo experimenta-se a insuficiência dessa comunicação para remediar a solidão mais abissal com que se depara o sujeito na experiência da individuação: assim abre-se o espaço para a compreensão do sentido humano profundo da experiência religiosa, enquanto experiência do “totalmente Outro”.
(Barreto, 2009).

Quando pensa que ainda pode fazer muito pelo mundo, Buddy evita a explosão do planeta pela bomba de Overman. Buddy não estava lutando mais por ele mesmo, mas agora por todo o mundo. Sabendo que suas ações poderiam culminar em erros, mesmo assim iria fazer de tudo para fazer o que achava certo.

Agora após tantos conflitos, integrando parte de sua sombra e refletindo profundamente sobre o que estava fazendo, ele entendeu pelo que estava lutando e conseguiu realizar esse ato heroico.

Agora mais próximo de si-mesmo, Buddy se esforça para usar o que aprendeu, e assim ajuda o mundo. Ele justamente se desprende do egoísmo de tentar salvar e se vingar de sua família a todo custo, para ajudar e salvar a natureza e o mundo.

Ao passar por toda sua jornada, Buddy Baker retorna ao início do caminho, para sua casa, com sua família inteira viva. Tudo que foi aprendido em sua jornada, e principalmente todo o conflito moral que carregou desde que voltou a ser herói lhe serviram para um aprofundamento de sua consciência e de sua própria ética.

Ao unir os conteúdos conscientes e inconscientes em sua jornada, através de muitas provações e uma reflexão interna, Buddy passa por um processo de individuação, iluminando sua consciência, através da reflexão de sua própria ética.

Conforme é esclarecido por Barreto:

A possibilidade de individuação, de *realização do si-mesmo*, de "encontrar a própria alma", condiciona-se nesse cenário à capacidade de ver no rosto do outro um enigma, sua absoluta inutilidade no que concerne à realização dos desejos pessoais e, por conseguinte, à capacidade de suportar o fracasso, a dor, a solidão e, em boa medida, a falta de lugar." (Barreto, 2009)

Buddy não se adequou da maneira como os grupos o convidavam a agir, criando uma persona onde suas atitudes, seja como herói ou ativista, iriam deixá-lo livre de críticas e autocríticas, evitando sua própria dor. O processo de Buddy, passando por solidão e decorrentes fracassos, o possibilitou também um olhar ao outro de maneira mais profunda.

Os conflitos morais do personagem foram o que o impulsionaram a continuar a sua jornada, buscando o que achava certo. Suas constantes reflexões de suas

posições e ações, com um constante conflito de deveres, foram o que possibilitaram que ele tivesse um maior reconhecimento de si-mesmo.

Catelli ressalta, em *“Ética: Encarando as Oposições”* (2012), que os extremos da diferenciação alienam quando o indivíduo não está mais em contato com os aspectos grupais que definem seu pertencimento a sua coletividade, mas por outro lado, pela diferenciação, também pode nascer uma visão livre de preconceitos e estereótipos, com criatividade, indo de modo contrário à massificação do grupo.

Para Buddy, ele não podia agir de forma como seu grupo social agia, como seu grupo de super-heróis ou ativistas, sem uma constante reflexão sobre o que ele mesmo acreditava. Sua postura crítica de sempre buscar e valorizar o que ele achava certo, como conversar antes de brigar, é o que possibilitou sua diferenciação com os grupos sociais que ele se relacionava. Ele representou uma ameaça pelos seus pensamentos, trazendo a ira de muitos ao seu redor, mas também trazendo consciência para ele.

Não agir como o grupo agia, e sempre tendo uma busca de uma ação que seria própria sua, possibilitou a Buddy novas maneiras criativas de ver e viver sua vida. Ao retornar à coletividade com essas novas perspectivas, Buddy não estava insano ou completamente fora de si, mas agora com uma nova capacidade, única e criativa, de enxergar sua existência. Caso se adequasse a postura coletiva, como por exemplo a de ser um super-herói, é possível que Buddy ficasse com sua originalidade sufocada, chegando a agir como todos os outros, traindo o que ele mesmo acreditava.

Jung explicita, em *“Memórias, Sonhos e Reflexões”*:

“A ética, o ato de decidir entre o bem e o mal, não está implicada em seu princípio; apenas se tornou mais difícil para nós. Nada pode poupar-nos do tormento da decisão ética. Mas por mais rude que isto possa parecer, é necessário, em certas circunstâncias, ter a liberdade de evitar o que é reconhecido como moralmente bom, e fazer o que é estigmatizado como mal, se a decisão ética o exigir.” (Jung, 1986 p. 89).

Buddy, apesar de entender a importância da moral, não se norteava apenas como a maioria agia, mas refletia, abolindo ocasionalmente os códigos morais. Para o personagem, existia um constante conflito de deveres, um tormento ético.

Conforme se questiona, entra cada vez mais em contato com seu inconsciente e sua sombra, tendo uma consciência de si-mesmo, Isso é simbolizado também pela capacidade de perceber que está sendo escrito numa história em quadrinhos, como funciona seus poderes e a encontrar seu próprio escritor. Com esses conhecimentos, foi capaz de salvar o mundo.

A jornada em que Buddy percorre esclarece a ele como em suas atitudes existia tanto bondade quanto maldade, sua visão antiga, desde o começo em dúvida, de que existia uma definição clara entre o que é bom e o que é mal vai se desfalecendo até atingir uma maior autoconsciência, enxergando com maior totalidade as ações tomadas e desenvolvendo sua ética.

Existia a possibilidade de fazer o mal tentando fazer o bem, de que suas ações não resultem como ele gostaria, mas ele iria assumir responsabilidade em fazer o que achava certo, através de seu próprio julgamento, percebendo que, para realizar uma atitude ética, sempre haverá um conflito de deveres.

O encontro com o si-mesmo não é o final de uma estrada, onde existe uma satisfação eterna ou resulta simplesmente em um ego com uma consciência amplificada. Como Buddy percebe, ao decorrer de sua jornada, é através dele mesmo que tanto a bondade quanto a maldade é transmitida. Tudo que está nele é expresso pelas suas ações.

O contato com o si-mesmo alcançado por Buddy trouxe uma maior consciência sobre os outros seres vivos, como é simbolizado pela sua capacidade adquirida de incorporar os poderes de qualquer animal do mundo apenas com o pensamento, e como decidiu voltar a viver para ajudar o mundo.

A partir da análise da obra “Homem Animal”, é possível chegar a um questionamento sobre o que é o “Mal”. Jung traz em “*memórias sonhos e*

reflexões”, que para se encontrar uma resposta à problemática do mal, necessita primeiramente de um conhecimento profundo de si mesmo:

“Deve saber, sem se poupar, a soma de atos vergonhosos e bons de que é capaz, sem considerar a primeira como ilusório ou a segunda como real. Ambas são verdadeiras enquanto possibilidades e não poderá escapar a elas se quiser viver (como obviamente deveria), sem mentir a si mesmo e sem vangloriar-se. (...) Estes são fatores dinâmicos, presentes a priori, dos quais dependem, em última análise, as decisões éticas de nossa consciência. Eles compõem o inconsciente e seus conteúdos, a propósito do que não há julgamento definitivo.” (Jung, 1986, p.90)

O questionamento do que é o bem e o mal, pergunta essencial em qualquer historicidade humana, é de grande importância, e não é raro encontrar grupos ou indivíduos que entram em um grupo ou parte de opiniões de pessoas específicas para se nortear sobre o que lhe é o bem ou mal. Apenas por um conhecimento profundo de si-mesmo, com uma grande reflexão interna, que chegará a alguma espécie de resposta para as perguntas que envolvem o bem e o mal.

Somente com uma reflexão consciente, levando em conta que não existe julgamento definitivo de bem e mal, com um enfrentamento honesto das próprias ações de um sujeito, é que ele entra em contato com o que será o bem e o mal para ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi um entendimento maior da importância da ética e da moral no processo de individuação, relacionando os conceitos com a obra de Grant Morrison. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa baseada na obra de C. G. Jung.

A leitura simbólica através dos conceitos de Jung permite um aprofundamento de obras de expressão artísticas, como contos de fadas, mitos e até histórias em quadrinhos, por utilizarem imagens do inconsciente coletivo e trazendo algo que é comum ao ser humano e atemporal.

A partir da maneira com que esse autor enxerga a ética, é possível entendermos mais sobre esse assunto tão importante no momento em que esse trabalho foi escrito.

Essa obra em análise é escrita em formato de história em quadrinhos, veículo de comunicação rica em simbologias e influências históricas da época em que foram escritas. Os questionamentos trazidos por essa obra a esse trabalho foram atuais, com as manifestações políticas e ideológicas frequentes, existe uma busca de se agir da maneira correta, mas somente com uma reflexão e consciência da ação que se toma é possível uma ação ética.

Como acontece na jornada do personagem, seu processo de individuação, isso é, um contato mais próximo com o si-mesmo, se deu pela maneira que ele deixou de tentar entender as coisas apenas pelas regras, ou como a maioria se comportava, e passou a julgar suas ações antes de tomá-las.

Assim como em nossa vida, esse processo não foi fácil, o personagem teve de adquirir maior consciência tanto de sua sombra quanto do seu inconsciente para tanto.

O processo de se adquirir um julgamento ético é doloroso, mas necessário para uma reflexão profunda e realmente ter uma atitude ética.

Após o personagem agir como outros indivíduos e grupos, tentando ajudar o mundo entrando em grupos de lutas pelos animais e sendo um super-herói, ele

percebe que não é aquilo em que ele acredita, se decepcionando. Somente ao refletir e continuar seguindo caminho em que ele achava correto foi que se deu conta do que ele estava realmente procurando, e conseguiu inclusive salvar o mundo.

Jung lembra, no seu livro, *Civilização em Transição*:

“Embora a moralidade como tal seja um atributo universal da psique humana, o mesmo não pode ser afirmado acerca de um código moral determinado. Ele não pode, portanto, ser parte integrante da estrutura da psique” (Jung, 1978b, par. 833).

Apesar de a moralidade ser uma característica universal na humanidade, permitindo a nossa vida em sociedade, um código moral, qualquer que seja não o é. Ao seguir apenas as regras, ou o que é dito por um grupo ou um indivíduo, pode-se estar negando a tão importante voz dentro de cada um de nós do que acreditamos que possa estar correto, a partir de nosso próprio julgamento.

A temática da ética e moralidade foi importante na época da escrita desse trabalho, por vivermos numa época em que é tão frequente a busca de respostas do que seria o certo ou errado, seja em celebridades; youtubers; partidos políticos; intelectuais ou circuitos religiosos, mas somente a partir de nosso próprio julgamento é possível encontrar alguma resposta para as perguntas que envolvem o bem e o mal.

Jung diz, relacionando o egoísmo com o conceito de si-mesmo:

“A individuação (...) só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. Com isto, não se torna "egoísta", no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente do egoísmo ou do individualismo.” (Jung, 2001, par. 267).

Com uma consciência mais ampla, capaz de enxergar além da visão geral, mas lembrando de e considerando as próprias peculiaridades individuais, não nos separamos necessariamente da sociedade ou ficamos egoístas, mas mais

conscientes do que nós podemos ser e de como somos. Com essa nova ótica, ao contrário do egoísmo, possamos talvez auxiliar, além de nós mesmos, o nosso próximo, já que estaremos atuando cada vez mais considerando, além de nossas próprias qualidades individuais, a existência e a possibilidade de escolhas do outro.

Através desse trabalho, pela percepção da diferenciação da moral e da ética, e da compreensão do processo ético para a individuação do ser humano, visto numa história rica de conflitos morais e éticos, outras pesquisas podem ser feitas trazendo novamente esse tema, fato importantíssimo para a ótica de Carl Jung.

A importância da ética não pode ser negligenciada em qualquer aspecto ou historicidade humana, para que possamos ter uma visão consciente de nós mesmos e dos outros, a fim de estabelecer uma convivência que não seja rígida apenas em um código moral.

A partir dessa pesquisa, novas pesquisas podem ser realizadas tratando a importância da moralidade e do julgamento ético, sendo em obras literárias ou artísticas. Através desse trabalho, pode ser possível uma relação com obras artísticas ou até mesmo histórias em quadrinhos mais recentes e antigas, podendo traçar um paralelo do entendimento ético e o código moral em diferentes épocas.

Assim como realizar esse trabalho ampliou a percepção dos julgamentos éticos na minha própria vida, o mesmo pode acontecer com novos pesquisadores desejando se aventurar pelo conceito da ética, ou qualquer tema que lhes causem fascínio. Ampliando nossa consciência, caminhamos para uma totalidade, como pesquisadores e como seres humanos.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, J. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.21 n.3 Brasília, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross.

BARRETO, M. H. A dimensão ética da psicologia analítica: individuação como "realização moral". **Psicologia Clínica**. vol.21 no.1 Rio de Janeiro, 2009.

BIBE-LUYTEN, S. M. (Org.) **Histórias em Quadrinhos: Leitura Crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

CAMPBELL, J. **Herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2002.

CATELLI, M. B. **Ética: Encarando as Oposições**. Tese (Monografia) - Curso de Psicologia, Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, 2012.

CARVALHO, F. **Pedagogia da Cooperação**, UNASPRESS, 2003.

CARVALHO, F. **Kohlberg e a Formação Moral**. Disponível em: <<http://frankvcarvalho.blogspot.com.br/2011/06/kohlberg-e-formacao-moral.html>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

CONTE, J. **Sobre a natureza da teoria moral de Hume**. Kriterion: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 47, n. 113, p.131-146, jun. 2006.

CORRÊA, R. **Processo de Individuação**. Disponível em: <<http://psicoterapiajunguiana.com/conceitos/processo-de-individuacao/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

DUTRA, J. **História e História em quadrinhos – Parte 1**. Disponível em: <<http://omelete.uol.com.br/quadrinhos/artigo/historia-e-historia-em-quadrinhos-parte-1/>>. Acesso em: 31 mai. 2015.

EDINGER, E. F. **A Criação da Consciência: O Mito de Jung para o Homem Moderno**. São Paulo: Cultrix, 1984.

ELIADE, M. **Aspectos do Mito**, Edições 70, Lisboa, 1989.

FERRO, J.P. **História da Banda Desenhada Infantil Portuguesa (das origens até o ABCzinho)**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

FIORE, D. **Councils of Perfection: Genre and Generosity in “Animal Man”**.

Disponível em:

<<http://motimelikethepresent.wordpress.com/2007/01/04/councils-of-perfection/>>. Acesso em: 14 set. 2014

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GORRESIO, Z. M. P. A ética da individuação: um estudo sobre a ética do ponto de vista da psicologia junguiana. **Hypnos**, v. 2, n. 3, 1997. p. 112 – 118

HUME, D. **Resumo de um tratado sobre a natureza humana**. Paraula, 1995.

HUME, D. **Investigação sobre os princípios da moral**. Fundação Editora da UNESP, 2004.

JUNG, C. G. [1946] **Analytical psychology and education**. Collected Works, vol. 17: The development of personality. Princeton: Princeton University Press, 1954.

JUNG, C. G. Aion [1951] **Researches into the phenomenology of the Self**. Collected Works, vol. 9. Princeton: Princeton University Press, 1968.

JUNG, C. G. **Two Essays on Analytical Psychology**. Collected Works, vol. 7. Princeton: Princeton University Press, 1977.

JUNG, C. G.. **Aion**. Collected Works, vol. 9ii. Princeton: Princeton University Press, 1978a.

JUNG, C. G. **Civilization in Transition**. Collected Works, vol. 10. Princeton: Princeton University Press, 1978b.

JUNG, C. G. [1949] **Foreword to Neumann: Depth psychology and a new ethic**. Collected Works, vol. 18: The symbolic life. Princeton: Princeton University Press, 1980.

JUNG, C. G. **The Development of Personality**. Collected Works, vol. 17. Princeton: Princeton University Press, 1981.

- JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Curitiba: Nova Fronteira, 1986.
- JUNG, C. G. **Aion: estudos sobre o simbolismo do si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- JUNG, C.G. [1921] **Tipos psicológicos**. Tradução de L. M. E. Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Tradução de Dra. Dora Maria Ferreira da Silva. 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001. (VII/2).
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- LIMA, R. F. **Individuação e as dimensões do cuidado arquetípico: Interfaces entre Jung e a tradição budista**. 11 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, 2004.
- MARNY, J. **Sociologia das Histórias aos Quadrinhos**. Porto: Livraria Civilização, 1998.
- NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- MESQUITA, A. P. **Aristóteles - Obras Completas: Introdução Geral**. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2005.
- MOURÃO, H. R. **O Self ou si-mesmo**. Disponível em: <<http://cafecomjung.blogspot.com.br/2014/03/o-self-ou-si-mesmo.html>>. Acesso em 18 out. 2015.
- MORCELLI, F. **Fazendo o homem acreditar**. Leme: Fullquality, 2014.
- OLIVEIRA, L. A jornada do herói na trajetória de Batman. **Boletim de Psicologia**, 2007. Vol.LVII nº127: 139-152.

OLIVEIRA, L. **Coisas de Menina: Análise Simbólica da personagem Buffy - A Caça Vampiros**. 2007. 101 f. Tese (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

PAULA, L. G. **A Lenda de Mulan: A Jornada da mulher e do feminino**. Tese (Monografia) - Curso de Psicologia, Cogea - PUCSP, São Paulo, 2008.

PENNA, E.M.D. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G. Jung**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PENNA, E.M.D. Methodological perspectives in Jung's collected works. **Harvest International Journal for Jungian Studies**, 50 (1), 2014, p. 100-119.

PENNA, E.M.D. Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Bol. psicol** v.57 n.127 São Paulo, 2007.

PIERI, P. F. **Dicionário junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

PROCÓPIO, M. R. **Os imaginários sócio-discursivos sobre o homem do campo difundidos pelos quadrinhos de Chico Bento**. Doutoranda/ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009.

RIBEIRO, R. J. Ética e Direitos Humanos. **Interface** (botucatu), [s.l.], v. 7, n. 12, p.149-166, 2003. Entrevista.

SILVA, C. H. **Virtudes e Vícios em Aristóteles e Tomás de Aquino: Oposição e Prudência**. Boletim do Cpa, Campinas, v. 6, n. 5, p.129-140, 25 1998.

TARDELI, D, D. Super-Heróis na Construção da Personalidade. In: VIANA, N.; REBLIN, Iuri A. **Super-Heróis, Cultura e Sociedade**. Aparecida, Sp: Idéias e Letras, 2011. p. 122-123.

VERGUEIRO, W. Alguns aspectos da sociedade e da cultura brasileiras nas histórias em quadrinhos. **AGAQUÊ: revista eletrônica especializada em histórias em quadrinhos e temas correlatos do Núcleo de Pesquisas de**

Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, vol. 1, nº 1, 1998.

VERGUEIRO W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** - v.6 n.2, 2005.

VIANA, N. Super-heróis e Inconsciente coletivo. **Revista Espaço Acadêmico**, ano 3 – Número 25, 2003.

VON F. M – L. **O processo de individuação**. In: JUNG, C. G. (org). O homem e seus símbolos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

VON F. M.- L. **A sombra e o mal nos contos-de-fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.

XAVIER, C. Quadrinhos, psicologia e espiritualidade: símbolos e mitos estruturam o desenvolvimento psíquico e espiritual. **Revista Psicol. Am. Latina**. Número 4, 2005.

SITE

[http://gutenberg.us/articles/Animal_Man_\(comic_book\)](http://gutenberg.us/articles/Animal_Man_(comic_book)). Acesso em: 14 de junho de 2015.

https://en.wikipedia.org/wiki/Animal_Man. Acesso em: 14 de junho de 2015.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Grant_Morrison. Acesso em: 14 de junho de 2015.

<http://www.formacaosolidaria.org.br/2013/06/03/etica-aristotelica/>. Acesso em: 10 de março de 2016.

<http://www.formacaosolidaria.org.br/2013/06/03/etica-aristotelica-parte-02/>.

Acesso em: 10 de março de 2016.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

HOMEM ANIMAL, New York: DC Comics, n. 1-26, 1998-1990.

ANEXO I - RESUMO DA HISTÓRIA

Homem Animal é o alter ego de Buddy Baker, homem por volta dos 30 anos, casado e com um casal de filhos. Quando tinha 21 anos, uma nave espacial caiu próxima a ele. A partir desse momento, Buddy ganhou a capacidade de absorver as habilidades de animais próximos.

Originalmente, foi um personagem escrito em 1965, só sendo publicado em onze revistas durante vinte anos antes de ser reescrito por Grant Morrison nessa estória.

1. O Heroísmo

Buddy Baker, ex-superherói, salva um gatinho de uma árvore. Após conversar com sua mulher, decide voltar a sua carreira como Homem Animal, e treina com ela para retomar a prática de suas habilidades; como respirar debaixo d'água graças à proximidade com os peixes ou voar pelo contato com uma águia.

Como seu primeiro trabalho como super-herói, é chamado para um laboratório onde fazem testes com animais, dizendo ser em busca de uma cura do vírus da AIDS. Lá, Buddy encontra um monstro gerado dos experimentos dos cientistas. Um dos cientistas pede ajuda, pois houve uma invasão ao laboratório recentemente.

No laboratório, novamente o invasor aparece, levando consigo um gorila que era sujeito de experimentos. Isso levanta as suspeitas de Homem Animal, que exige que o cientista conte a verdade sobre esses testes. O cientista diz que na verdade não estão trabalhando para uma cura da AIDS, mas em uma arma biológica.

Homem Animal descobre que o salvador do gorila foi Fera B'Wana, um super-herói africano. Buddy derrota Fera B'Wana, descobrindo que o gorila de testes havia morrido por conta dos experimentos de laboratório. Fera B'Wana diz para Buddy que estamos esquecendo a beleza da natureza do mundo.

Homem Animal usa seus poderes para salvar Fera B'Wana de uma doença fatal e se recusa em prendê-lo. Volta ao laboratório, mas o cientista fica furioso ao descobrir que Buddy não prendeu o invasor do laboratório.

Buddy agride o cientista, pensando consigo mesmo que não estava agindo como um super-herói.

Após algumas aventuras, Caçador de Marte, outro super-herói, diz que quer o Homem Animal na Liga da Justiça da Europa, grupo criado para proteção desse continente, pois ele é o único entre eles que entende como a natureza do planeta é importante.

2. Questionamentos

Buddy se encontra novamente com Fera B'Wana, agradecendo por esclarece-lo sobre a importância dos animais no mundo. Na conversa, Buddy diz o que o preocupa: "Dizem que os super-heróis são o novo estágio na evolução humana, mas tudo o que fazem é brigar. Se isso é o futuro, ele não parece tão bonito para mim".

Em seus trabalhos com a Liga da Justiça da Europa, Homem Animal e a liga encontram um suposto vilão, o Comandante do Tempo, que usa seus poderes temporais para fazer as pessoas se encontrarem com seus entes queridos falecidos, ou fazerem idosos se sentirem mais jovens, apesar de, como efeito colateral, elementos de outros tempos estarem surgindo, como figuras históricas e dinossauros, ameaçando civis.

Enquanto a liga tenta lutar com o Comandante do Tempo, Homem Animal se recusa a atacá-lo, pois não acha que brigar seja a solução para o problema. Tenta conversar com o vilão, dizendo que deveria pensar no que está fazendo. Antes que pudesse ter uma resposta, o resto da liga nocauteia o vilão, que agora está em prantos e com as pessoas ao redor tristes por perderem sua juventude e seus entes queridos.

Novamente, Buddy se questiona se fez a escolha certa ao se tornar um super-herói. Não acha certo agredir alguém antes mesmo de ter algum diálogo.

Homem Animal, juntamente com ativistas contra o uso de animais para pesquisas como cobaia, invade um laboratório. Um dos ativistas acaba incendiando o lugar.

No dia seguinte, Buddy vai conversar com sua mulher no quintal. Vê seu uniforme preto de couro, que detesta, secando. Ela diz que o fogo do dia anterior acabou por matar três bombeiros. Buddy fica chocado.

Conversando com um amigo, Buddy diz que está pensando em desistir de ser o Homem Animal, já que começou a ser um super-herói para fazer alguma diferença, não machucar os outros. Se sente frustrado pelos verdadeiros supervilões: as grandes corporações, que já estão dominando o mundo.

Buddy diz que é apenas um homem, e muitas vezes não sabe o que fazer frente a tantas atrocidades no mundo. Seu amigo diz que cometeu um erro dessa vez ao botar fogo no laboratório, Buddy concorda.

Buddy vai como Homem Animal a uma entrevista na televisão, em um debate com um grande homem de negócios.

Ao tratar do tema de usar animais de cobaia, Buddy diz que muitas pessoas e animais morrem por conta disso, mas o homem de negócios contra argumenta, dizendo que todos têm direito ao livre arbítrio para fazerem o que quiserem se achar que estão certos.

Buddy diz que seguindo essa lógica, eles deveriam ter deixado Hitler fazer o que quisesse, pois ele achava certo. Buddy afirma que a moral é mais importante do que o direito comum.

O homem de negócios pergunta a Buddy se quebraria as leis, e ele responde que sim, caso estivessem erradas moralmente.

O homem de negócios diz que Homem Animal é um exemplo às crianças por usar um uniforme, e o pergunta se ele já quebrou alguma lei. Buddy responde, irritado, que não quer ser um exemplo, que ele é apenas um homem que comete erros como qualquer outro. Não é porque usa um uniforme que sempre estará certo.

O homem de negócios ri, dizendo que a irritação de Buddy mostra como está equivocado.

3. Seguindo o próprio caminho

Ao chegar a sua casa, Buddy encontra um homem chamado James Highwater, que diz que devem ir juntos a uma montanha, após estudar um paciente psiquiátrico que diz poder achar respostas sobre a vida e os poderes de Homem Animal.

Após comerem sementes alucinógenas no topo da montanha, vivem várias alucinações. Após isso, Buddy descobre que bastava pensar em um animal para adquirir seus poderes, já que estava ligado a todos os animais do mundo por uma linha vital vermelha.

Uma das alucinações, uma pequena raposa chamada Foxy, mostra para Buddy uma visão profética, dizendo que haverá uma grande explosão.

Foxy diz que irá mostrar para Buddy a verdade sobre tudo. Buddy começa a ver tudo em vermelho, como a linha da vida que o conecta aos animais. Foxy diz, apesar de Buddy ter de pagar um preço para isso, que irá lhe revelar a verdade de três segredos:

O primeiro, Buddy vê sua própria origem escrita como um quadrinho.

Em seu segundo segredo revelado, encontra seu antigo eu, o Homem Animal original, que foi escrito em 1965. Briga com Buddy, dizendo que tomou o lugar dele. Diz está com muito medo de deixar de existir até que desaparece.

O terceiro segredo revelado é quando Buddy percebe que está sendo lido pelo leitor.

4. O Animal

Buddy, contente com as descobertas, se dirige para casa.

Ao chegar, descobre que sua família foi morta. Eles foram assassinados por um homem contratado de uma grande corporação, já que Homem Animal estava dando problemas por suas atividades ambientalistas.

Mesmo após ser consolado por vizinhos e amigos, Buddy está a beira do suicídio, dizendo que mais nada faz sentido. Prestes a se suicidar com medicamentos, o telefone toca, com um homem na linha dizendo onde pode encontrar os assassinos de sua família.

Buddy corta seu cabelo e bota seu antigo uniforme de couro. Buddy detesta esse uniforme, feito da pele de animais mortos, pois o uniforme representa tudo que ele não gostaria de ser.

Buddy encontra e captura o assassino de sua família. Pensa que agora deve agir como um animal, usando uma garra para mata-lo lentamente, destruindo todo seu corpo. Diz que o assassino nunca entenderá o que fez com ele.

Após isso, Buddy diz que não sente nada, que fez coisas horríveis e mesmo assim sua família não está de volta.

Vem à mente de Buddy a ideia de usar uma maquina do tempo para salvar sua família.

Após pedir emprestado, sem sucesso, uma maquina do tempo para algumas pessoas, Buddy engana um super-herói, dizendo que irá usar a máquina do tempo para ir atrás de um vilão.

Buddy tenta voltar no tempo diversas vezes, mas toda vez que volta ninguém consegue vê-lo e ele só dura alguns instantes em cada viagem. Após tentar muitas vezes ter contato com sua família para alerta-los do assassinato, vê que isso não é possível. Acaba desistindo, sentado num banco, preso no passado distante.

5. Escolhendo viver

Vingador Fantasma, uma entidade viajante do tempo, encontra Buddy e se oferece para ajuda-lo. Eles se encontram com entidades imortais em uma reunião.

Na reunião, é dito para Buddy que se ele não voltar para seu tempo normal vai acabar morrendo. Buddy diz que não liga, já que não tem nada em seu tempo para que ele queira voltar.

Ouvindo isso, um dos imortais, o Homem Imortal, comovido, diz: “Você não pode se permitir e pensar dessa maneira, você não é bom para ninguém morto. A vida é preciosa! Cada momento que respiramos é precioso”.

Jason Blood, outro imortal na reunião diz que também existe a opção da morte, que acaba com todo o sofrimento. Mata uma borboleta que estava passando, o que irrita Buddy.

O Homem Imortal continua com seu discurso, dizendo que viu mais morte e sofrimento que Buddy jamais viu, já que viveu 50.000 anos, e que mesmo assim, a vida continua. Diz que apesar de a família ter morrido, ele pode continuar vivendo, Buddy não irá ajudar a família morrendo por dentro. Diz também que a vida precisa de alguém para impedir que outra bomba seja construída ou destruam mais florestas.

Pergunta para Buddy se ele vai escolher viver e seguir em frente ou aceitar as coisas como são e escolher a morte.

Buddy reflete, se perguntando se tudo é tão simples. Pensa na terra, que está cada vez mais doente e com tantos animais entrando em extinção. Quando pensa nisso, repentinamente acaba voltando para seu tempo original.

Agora, no tempo original, Buddy é encarregado de lutar contra Overman, uma versão de Superman de um universo paralelo. Carregando uma bomba, Overman busca a destruição da terra.

Com a consciência de que é um personagem de uma história em quadrinhos, Buddy sai do quadro, trazendo Overman para fora das bordas do quadrinho para vencê-lo, o aprisionando fora do território da história.

Buddy, com os conhecimentos adquiridos em sua jornada, é capaz de derrotar um inimigo, aparentemente indestrutível, e salvar o mundo.

Buddy se encontra com seu autor, Grant Morrison, e discutem sobre toda a trajetória do personagem, como o fato de Grant ter feito Buddy ser vegetariano e lutando pelos direitos dos animais, pois ele também tinha essas ideologias. Grant tem uma breve reflexão, e pergunta-se: porque nos quadrinhos é dito

que se o mundo for mais violento ele se torna mais realista? Diz que dessa vez, vai tentar ser bondoso.

Grant faz com que Buddy se esqueça de que já se encontrou com ele e que está em uma história em quadrinhos, e o acorda em sua casa. Lá, Buddy encontra sua família, todos vivos. Apesar de não se lembrar de nada, Buddy chora, dizendo que é como se tivesse acordado de um sonho terrível. Sua esposa o pergunta se tem algo errado, ele diz que está tudo bem.